

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE ARTES

SILVANA BENTO RODRIGUES

**DESENVOLVIMENTO DE UM CORO AMADOR:
Desafios e oportunidades.**

SÃO PAULO
2023

SILVANA BENTO RODRIGUES

DESENVOLVIMENTO DE UM CORO AMADOR:

Desafios e oportunidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Música do Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho” – UNESP como requisito para grau de
bacharelada em Música

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso Moura

SÃO PAULO

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

R696d Rodrigues, Silvana Bento, 1991-

Desenvolvimento de um coro amador : desafios e oportunidades / Silvana Bento Rodrigues. -- São Paulo, 2023.
30 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso Moura.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Coros (Música). 2. Música sacra. 3. Regência de coros. I. Moura, Paulo Celso. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 781.45

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

SILVANA BENTO RODRIGUES

DESENVOLVIMENTO DE UM CORO AMADOR:

Desafios e oportunidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Música do Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho” – UNESP como requisito para grau de
bacharelada em Música

Dissertação aprovada em: 17/11/2023

Banca examinadora

Prof. Dr. Wladimir Farto Contesini de Mattos
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dr. Paulo Celso Moura (Orientador)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo

Esse trabalho procura relatar e responder questões que podem surgir no dia a dia de um trabalho com coro leigo e/ou amador, utilizando como exemplo prático o processo de desenvolvimento do Coral Shalom, um coro misto inserido em ambiente religioso, com objetivos litúrgicos, os desafios enfrentados e experiências vividas diante desse coro, foram o principal fio condutor para a escrita dessa monografia, exemplos extraídos de textos que também tinham o trabalho com coro amador como foco, especialmente, que mostrassem a visão de regentes a respeito disso também auxiliaram no processo com o coro, trazendo ideias, estratégias, soluções, motivação e inspiração para o desenvolvimento musical do grupo.

Palavra-chave: Coro amador; Regente educador; Ações pedagógicas; Ensaio coral.

Abstract

This work seeks to report and answer questions that may arise in day-to-day work with a lay and/or amateur choir, using as a practical example the development process of the Coral Shalom, a mixed choir inserted in a religious environment, with liturgical objectives, the challenges faced and experiences lived in front of this choir, were the main guiding thread for the writing of this monograph, examples extracted from texts that also had work with amateur choir as a focus, especially, that showed the conductors' vision regarding this also helped in the process with the choir, bringing, ideas, strategies, solutions, motivation and inspiration for the group's musical development.

Keyword: Amateur choir; Educator conductor; Pedagogical actions; Choral rehearsal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 BUSCANDO CONSELHOS NA LITERATURA.....	8
3 O QUE NÃO SE APLICA?.....	15
4 TRABALHANDO COM O CORO.....	17
5 MAIORES DESAFIOS E COMO RESOLVEMOS.....	21
6 SAMUEL KERR, UMA ENCANTADORA INSPIRAÇÃO	24
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERENCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Normalmente o nascimento de um coro dentro de uma igreja evangélica, conta com o interesse dos próprios membros da comunidade, sejam eles músicos ou não, cantores ou não. Também existe a diretoria da igreja que está diretamente envolvida para conceder a autorização e determinar sobre quais diretrizes esse coro deve ser conduzido, seja para determinar qual idade será permitida e quais os critérios são necessários para fazer parte do grupo e/ou para agendar quando serão as apresentações e ainda determinar quem deverá ser o (a) Regente do coro, que normalmente também será alguém que já é membro de confiança da igreja ou poderá ser um profissional contratado.

Não foi diferente na Igreja Apostólica Shalom, na região do Grajaú, o convite foi aberto e cerca de 30 pessoas se interessaram em fazer parte da criação do Coral Shalom, no momento deste convite foi deixado claro que não seria necessário conhecimento técnico nem experiência musical anterior, o que provavelmente incentivou aqueles que gostam de coral mas não se sentiam capazes de cantar em um.

Uma curiosidade é que a Igreja Apostólica Shalom já tem 18 anos e seu fundador, Apóstolo Darci, sempre quis que houvesse um coro na igreja a ponto de no projeto de arquitetura do templo pedir que fosse feito um espaço no mezanino destinado ao coro que ainda nem existia, este espaço nunca foi realmente usado por um coro, ele é ocupado pelos membros em dias de cultos mais cheios, inclusive o Coral Shalom só foi iniciado após seu falecimento que aconteceu em meio a pandemia de COVID-19 em maio de 2021, já o coral, iniciou em maio de 2022.

Em se tratando de diretrizes impostas pela diretoria da igreja, o Coral Shalom, precisou passar por um workshop onde foram abordados assuntos gerais dos departamentos de música da igreja e por um curto tempo de 4 meses, passaram também por um treinamento espiritual para os candidatos interessados em participar realmente do grupo. Também existem algumas poucas regras que limitam a participação das pessoas, como idade mínima de 16 anos e é necessário que o interessado seja um membro assíduo da igreja que já tenha vivido alguns processos comuns aos membros da comunidade, isso é, não poderia ser um membro muito novo.

Durante um período de aproximadamente um ano e meio um trabalho foi realizado com esse coral leigo, misto, em ambiente de igreja evangélica, com o objetivo de levar esse

grupo a cantar música popular gospel como parte da liturgia de cultos especiais, no entanto, sem exigir que estudassem técnica vocal antes ou durante o trabalho, sendo esse o maior desafio no decorrer do processo, porque sem muito tempo para ensiná-los, os ensaios deveriam ser divididos de forma estratégica e dinâmica entre ensino e preparo das canções.

Portanto o objetivo desse trabalho é acompanhar o desenvolvimento musical, estrutural, motivacional e em todos os aspectos que exigem atenção do regente naturalmente em um ambiente de coro amador, ao mesmo tempo que escrevo o trabalho, vivencio na prática, semana a semana, os ensaios, aulas e apresentações do coral Shalom, e aqui, relatando os conflitos, os desafios, as experiências e mediante a pesquisas realizadas a respeito do canto coral amador, encontrar escapes para solucionar questões que possam surgir no processo.

O Coral Shalom, não foi criado exclusivamente para a realização dessa monografia, no entanto, esta pesquisa depende do Coral, e a expectativa inicialmente era de que um ano, poderia ser o suficiente para realizar um trabalho completo, de plenos resultados e elucidações aos meus questionamentos enquanto uma regente que está iniciando a carreira, trabalho esse que poderia apenas ser continuado posteriormente, mas já se passaram 1 ano e meio e posso afirmar que ainda estamos apenas começando.

2 BUSCANDO CONSELHOS NA LITERATURA

Foi lendo que tive muitas das minhas preocupações aliviadas, já que percebi que o que eu vivia no grupo com o qual eu trabalho, já era corriqueiro no trabalho de outros regentes, segundo a pesquisa de Guimarães (2018) com 65 regentes de coros amadores, a maioria deles tinham dificuldades de alcançar a sonoridade desejada nos coros com os quais trabalhavam e a maioria deles usavam questões técnicas para aperfeiçoar a sonoridade desses coros, mas por que tanta dificuldade? Se aderir as práticas desses regentes vou ter mais resultados com o Coral Shalom?

90% dos coros no país e no mundo, são amadores (GUIMARÃES 2018) e isso nem sempre significa que são coros leigos ou sem técnica, o que significa é simplesmente que se tratam de grupos de pessoas que “amam” cantar em conjunto, mesmo que não tenham retorno financeiro para isso, mas por outro lado, já que o coro não é um trabalho para eles, talvez a participação dos cantores no coral, seja sufocada por tantos outros afazeres e rotinas e normalmente isso prejudica sim, o desenvolvimento técnico do grupo. Quando penso que o coro diante do qual eu estou, se trata de um coro que ama o que faz (amador) me sinto privilegiada e ao mesmo tempo com grande responsabilidade de ensiná-los, e tentar levá-los a uma sonoridade adequada e satisfatória, que tenha as características deles.

Um coro de instituição religiosa, que tem como função específica fazer parte da liturgia dos cultos, não é, pelo menos inicialmente, uma equipe profissional e com plenas habilidades musicais, pelo contrário, costumam ter no regente a sua única referência musical profissional. Segundo Ana Paula Guimarães (2018), 95% dos coralistas não estudam canto com professor particular, logo a responsabilidade do preparo vocal desses cantores está nas mãos do regente afinal, na maioria dos casos o regente também trabalha sozinho, sem um preparador vocal que o auxilie nos ensaios.

No entanto, como fazer isso, sem separar um tempo de qualidade extra ensaio para ensiná-los a técnica vocal? Apenas as intervenções no momento do ensaio serão suficiente? Esses eram meus maiores questionamentos antes mesmo de iniciar o trabalho, a vontade era e é, fazer desse espaço de canto coletivo, um lugar acessível, sem requisitos técnicos que impediria a maioria deles de fazer o que amam e almejam, que é estarem juntos e cantarem juntos, mas como fazê-los alcançar uma sonoridade satisfatória sem exigir que fizessem

aulas de canto paralelamente? Foi então que encontrei a dissertação “Ensaio coral amador como contexto de aprendizagem segundo regentes” de Abner Santana (2021).

Segundo Santana, o ensaio coral pode ser um ambiente de ensino e aprendizagem e não apenas um processo de repetições massivas e improdutivas. “Assim, a inexperiência musical dos coralistas e regentes, aliada a estruturas de ensaios corais descompromissados com ideias pedagógicas, podem minimizar o potencial de aprendizado e desenvolvimento musical do coralista. (SANTANA, 2021, pg. 15)

Segundo uma das entrevistadas na pesquisa de Santana, a influência da instituição interfere no trabalho com o coro, inclusive nas escolhas de como conduzir o ensaio e consequentemente, no processo de aprendizagem do grupo.

“[...] eu tenho um coral que é amador, mas que eles têm uma vivência musical. Com esse grupo eu já sou mais técnica, porque eles também têm uma outra expectativa, né. **Eles me contrataram com uma expectativa.** Então as vezes eu não uso tantos processos criativos... Mas com eles eu sou mais... baseado na técnica vocal um pouco mais tradicional...”. (SANTANA 2021 pg. 49 recortes e grifo nosso)

Na fala da entrevistada, parece que ela até pretendia usar mais processos criativos e trazer para o ensaio uma proposta mais pedagógica, considerando que o grupo é amador, mas diante da expectativa da instituição contratante, a regente se sente limitada a ser mais técnica, que é a forma como ela usa a palavra.

A instituição vai definir grande parte das questões burocráticas e talvez ainda interfira na metodologia do processo, muitas vezes o regente precisa ser o administrador financeiro do grupo e fazer também o marketing, por falta de recursos da instituição, o ambiente de ensaio ou das apresentações, não ter estrutura adequada então o regente deve se adaptar, talvez ele precise ser um pouco técnico de som, nos ensaios o tamanho da sala, se tem lousa ou não, se tem projetor e/ou aparelhos de mídia, se tem piano ou não, sem dúvida, vai influenciar nos procedimentos cotidianos, na condução do ensaio e consequentemente, no resultado.

Ser um regente no Brasil muitas vezes vai além de preparar peças e fazer a condução gestual na hora do espetáculo, principalmente quando o grupo é de característica amadora, ser regente passa por ser administrador, diretor musical, preparador vocal, pianista

corpetidor, figurinista, líder, professor e por vezes aluno. É de extrema importância que o regente seja um profissional capacitado diante do coro, se este profissional não estiver apto para exercer todas essas funções, certamente haverá lacunas no desenvolvimento do grupo coral. A habilidade de ser multifuncional exigida do Regente de coro amador vai depender da necessidade do coro, da instituição e dos objetivos do próprio regente. Nas entrevistas com regentes de coros amadores, mostradas em partes na dissertação de Santana, revela a fala de 4 regentes sobre essas multifunções que o regente de coro amador deve ter e como eles consideram importante que essa habilidade faça parte do profissional que conduz o grupo, no entanto, se algo pode ser ressaltado na fala dos regentes entrevistados na pesquisa de Santana, é a percepção de todos eles, da necessidade de um regente de coro amador, ser também um educador.

O entrevistado denominado, 4, diz assim: “Não é só reger e falar ó, canta isso, não é canta isso. ... O coro amador você precisa ensinar ele a cantar né, desde a emissão vocal, até é... a dinâmica ideal. Então, então é isso que você precisa fazer.” (SANTANA, 2021 pg. 50)

Para um coro leigo, não adianta dizer: “Apoia”, “Põe mais espaço nessa vogal”, “Aqui tem um crescendo”. Antes, é necessário ensinar os termos e conceitos musicais, depois, é necessário ensinar a fazer e somente com o tempo, essa comunicação fica mais fluida. Essa é apenas uma das formas de ser, na prática, um regente educador, mas o ambiente coral é propício para muito aprendizado, em muitos sentidos, sobretudo, no âmbito musical. Ainda o entrevistado denominado, 4, diz:

“...é um dos ambientes mais propícios para a aprendizagem musical. Talvez assim de maior facilidade. Você exige muito pouco né de, de recursos para você ter uma formação coral. É óbvio que isso não significa... é claro que quanto melhor recursos você tiver né, você ter uma sala apropriada né, um instrumento apropriado, tudo isso ajuda muito, mas é um dos recursos mais, mais práticos e rápidos de aproximação do leigo com a música.” (SANTANA 2021 pg. 55)

Diante das entrevistas realizadas em sua pesquisa, Santana chega à conclusão que o coro amador pode ser comparado com uma escola, por ser um espaço onde há oportunidade de aprendizado de muitas novas habilidades, desde cantar até a produção artística, entre outros. (Santana 2021 pg. 53). O coro é também um lugar de desenvolver relacionamentos

e para o regente sempre haverá não apenas o desafio mas a responsabilidade de gerir esse processo de forma a fazer da experiência de cada cantor, realmente uma experiência de aprendizado, como numa escola, daí a importância do regente educador.

O coro vai mostrar suas necessidades no dia-a-dia e cabe ao regente identificar essas necessidades, sejam elas técnicas, psicológicas, de relacionamento ou pela diversidade de objetivos e motivações. Cada coralista vai ter suas dificuldades técnicas, um pode ter dificuldade de afinação outro pode ter grande dificuldade de projetar a voz, outro talvez não consiga equilibrar a dinâmica considerando o restante do grupo, pode ter outro que não consiga manter o tempo, constantemente ralentando ou acelerando, não conseguindo cantar junto, cabe ao regente lidar com todos esses diversos desafios ao mesmo tempo. Se tratando dos aspectos psicológicos, alguns podem estar passando por problemas pessoais, problemas familiares ou de saúde, tem muita necessidade de faltar e acabam não conseguindo pleno desempenho nos ensaios e conseqüentemente nas apresentações, problemas sociais também podem surgir, se algum cantor não tem recursos para pagar pelo transporte para estar nos ensaios ou pelo figurino para as apresentações, o regente sempre será o responsável por gerir todas essas coisas porque ele é o líder do grupo.

As pessoas são diferentes, tem temperamentos diferentes e lidam com os desafios de formas diferentes, também aprendem em tempos e formas diferentes, se relacionam com as outras pessoas cada uma à sua maneira, e criam expectativas em relação ao resultado que nem sempre são iguais para todos. O regente vai ser a pessoa responsável por alinhar e equilibrar essas divergências.

Um outro grande desafio para o regente, é a formação do grupo. Quantos homens? Quantas mulheres? Quantas sopranos? Contraltos? Tenores? Tem baixos? O repertório precisa ser adaptado, se tem mais vozes femininas, será usado um repertório que priorize as vozes femininas, mas sem excluir as vozes masculinas, por exemplo, mas essas adaptações são constantes, integrantes entram, saem, faltam, alguns conseguem fazer algumas partes outros não, quando se trata de um coro leigo, nem sempre é possível classificar as vozes com precisão.

O regente professor, precisa de estratégias pedagógicas para conduzir os ensaios de forma mais dinâmica que promova o aprendizado dos coralistas sem comprometer o preparo das peças, pelo contrário, aperfeiçoando através do ensino, o resultado musical. Santana traz soluções pedagógicas para auxiliar regentes de coros amadores com base na experiência

de próprios regentes de coros amadores. O que pode ser feito então é adotar ações pedagógicas como a prática de atividade e programas que visam o ensino dos coralistas, esse investimento se reverterá em amadurecimento musical do grupo. (COSTA apud SANTANA, 2021, p. 16)

Quando o trabalho é feito com coralistas amadores, não adianta fazer ensaios sem planejamento, sem preparar anteriormente, com base na necessidade específica daquele grupo, atividades que contribuam para o aprendizado e desenvolvimento musical dos participantes, não apenas cantar o repertório, repetir, fazer de novo e mais uma vez, faltará propósito e motivação, a tendência é o trabalho se esvaír aos poucos.

Para ele, é importante trabalhar os conceitos musicais para que os cantores entendam o que fazer e para que fazer (FIGUEIREDO apud SANTANA, 2021 p.21), desta forma, todos falam a mesma língua, entendem a comunicação do regente e aprendem mais a cada ensaio. As etapas que acontecem no ensaio, podem ser iguais ou semelhantes, mas cabe ao regente a criatividade para trazer ideias novas, dinâmicas e atividades novas, evitando assim a monotonia e consequente desmotivação da equipe.

Diante de tantas funções que fazem parte da responsabilidade do regente que está dirigindo um coro amador, é necessário encontrar então as estratégias para sanar todas essas questões sem sobrecarregar o regente e de forma que produza resultados positivos. Nas pesquisas que fiz, percebi que a estratégia usada e mais recomendada para lidar com um coro amador e conseguir resultados em um coro leigo, são as propostas pedagógicas, o ensino e por óbvio, a competência do regente a frente do grupo.

No trabalho de Ana Paula Guimarães (2018), ela cita Fucci Amato (2007) e lista algumas ferramentas que podem ser usadas nesse processo de ensino/aprendizagem com o coro amador, são essas ferramentas: Inteligência vocal; Consciência respiratória; Consciência auditiva; Prática de interpretação; Produção vocal em várias formações; Recursos audiovisuais e Apresentação de pesquisas e debates. Ela ainda separou em 5 categorias as respostas dos regentes participantes de sua pesquisa, quando perguntados “Como você trabalha a sonoridade desse coro?” ou “Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?” e o resultado foi o seguinte: Aspectos técnicos; Aspectos interpretativos; Percepção musical; Corpo e respiração e Outros que são as respostas mais variadas, como “de acordo com a música” ou “fazendo na prática”. (GUIMARÃES, 2018 pg. 13).

Apenas essa listagem já é muito interessante para dar um norte a regentes que estão começando um trabalho com um coro amador e é esse tipo de informação que eu buscava na minha pesquisa, já que estava iniciando um trabalho com um coral fortemente inexperiente. Mais duas sugestões constantes no trabalho dela também me chamaram a atenção, ela diz que 146 de 150 regentes entrevistados na pesquisa de Rehder e Behlau em 2008, usam a própria voz, cantando junto com o naipe para ajuda-los a afinar e também, diz que no estudo de Martins e Santos Junior de 2016 o uso de gestos de regência no momento dos exercícios de vocalizes, ajudam o grupo a integrar corpo e voz, os coralistas de grupos amadores relatavam que melhorava a afinação, e os de equipes leigas, diziam que a percepção corporal interferia na vocalização (GUIMARÃES, 2018 pg. 8-9).

Ainda buscando conselhos em experiências anteriores, li o breve e enriquecedor artigo de Carlos Fiorini e Paula Castiglioni (2016), e assim como outros, também ressalta o quão fundamental é a figura do regente diante de um coro amador e que este é o principal (e muitas vezes o único) responsável por elaborar o resultado sonoro do grupo, por ser ele também, muitas vezes, a única referência musical de um coral amador. "O regente é pessoalmente responsável pela construção do instrumento coral. O instrumento coral é o resultado direto da habilidade do regente, ou de sua inadequação, para ensaiar." (OAKLEY apud FIORINI e CASTIGLIONI 2016, pg. 1-2)

Uma realidade dura lembrada no artigo "Estratégias de ensaio para a construção do som coletivo em coros amadores" é que o simples ajuntamento de pessoas interessadas em cantar, ainda não é um coro, a princípio, sem um planejamento, sem técnica vocal e um desenvolvimento gradual dos integrantes, ainda não é um coro. (FIORINI e CASTIGLIONI, 2016 pg.2)

E mais uma vez o responsável por mudar isso, e fazer desse ajuntamento de pessoas um grupo artístico de canto coletivo, é o regente, os objetivos, a sonoridade, o resultado almejado por ele, deve ser elaborado antecipadamente, ele vê o que o grupo não vê, ele ouve o que o grupo amador, não pode ouvir e a partir dessa idealização, com competência e estratégia, faz gradativamente, o resultado esperado surgir, até que se possa chamar de grupo coral, aquele ajuntamento de pessoas interessadas em cantar.

Se faz necessário um plano de ensaio ajustado a necessidade e nível musical de cada grupo, o regente precisa ter uma variedade de técnicas, dinâmicas, exercícios, atividades, etc. para ir se adequando ao grupo, jamais, obrigando o grupo a se adaptar aos seus

métodos, se neles não houver flexibilidade e empatia, um coro amador precisa desse profissional que tenha condição de conduzir, viabilizar, tornar mais fácil e prazeroso o que em outro ambiente fora daquele coro, seria impossível, uma sonoridade adequada e o melhor desempenho possível.

Sabendo que resultados positivos não se constroem do dia para a noite, o artigo de Fiorini e Castiglioni tem a intenção de sugerir estratégias para o processo.

O simples efeito do canto coletivo não traz inerente a ele o aspecto da qualidade sonora, portanto, aconselha-se que os seguintes elementos sejam trabalhados em todos os ensaios: consciência corporal, postura, respiração adequada ao canto, emissão, vocalização, dicção, sonoridade em conjunto e aprendizado do repertório. (FIORINI e CASTIGLIONI, 2016 pg. 2)

No entanto, deixa claro que o plano de ensaio não deve ser enrijecido, mas o regente deve fazer um plano de ensaio e também estar preparado para alterá-lo quantas vezes for necessário. Também foi atribuída a responsabilidade do regente, orientar aos leigos a respeito da saúde vocal que deriva da saúde física, mostrando que o instrumento musical deles é o seu próprio corpo, já conectado a isso, a importância da respiração utilizada da forma correta e da postura corporal mais indicada para cantar. (FIORINI e CASTIGLIONI, 2016 pg. 3)

E por fim, coloca como ponto de refinamento da sonoridade vocal coletiva, a padronização das vogais, o que me pareceu particularmente interessante. “Segundo Moore, o ponto de refinamento da qualidade vocal e de unificação sonora do canto em conjunto está na formação padronizada das vogais. Ela determina a qualidade e a maturidade do som, além de constituir o fator básico da afinação.” (FIORINI e CASTIGLIONI, 2016 pg. 4)

3 O QUE NÃO SE APLICA?

O Coral Shalom como já foi dito anteriormente, é um coro amador, a maior parte dos cantores não tem nenhuma experiência musical antes do coral, nenhum deles teve acesso a aprendizado de técnica vocal, antes do coral e 100% deles não sabe ler partitura e não tem a mínima noção de como seria isso. A formação do grupo é desproporcional, temos apenas 4 homens e 14 mulheres, dentre essas mulheres nem sempre é possível determinar qual é a classificação vocal delas, porque algumas tem extrema dificuldade de afinação e/ou nenhuma técnica para “soltar” a voz como deveria, sendo assim, não me sinto segura de definir a classificação vocal. Dentre os homens, eu prefiro não separar entre tenores e barítonos, porque temos só 4 e dois deles, também tem maior dificuldade de afinação.

O repertório que fazemos é de música popular gospel, adequada a liturgia de cultos evangélicos, então nem sempre a composição é para 4 vozes, Soprano, Contralto, Tenor e Baixo e ainda que tenha mais vozes, a formação do coral não me permite, então acabo optando por repertório possível para essa equipe ou adaptando músicas mais complexas a simplicidade deles.

Diante disso, quando vou em busca de referências na literatura, encontro grandes ideias que me alegraria muito poder aplicar ao Coral Shalom, mas infelizmente não posso, por enquanto.

Diego Salles, bacharel em piano pela UNESP, fez um belo trabalho com um coro misto e amador, na Escola e Estúdio Underground em Mogi das Cruzes – SP, ele utilizou arranjos de música popular urbana como repertório, e esses arranjos eram elaborados exclusivamente para esse grupo, pela falta de referência de áudio das peças devido a essa exclusividade, o próprio regente criava “kits vocais” para os cantores estudarem suas partes em casa. Assim como no Coral Shalom, os integrantes do Coral Underground também não sabiam ler partitura e muitos deles não tinham conhecimento de técnica vocal, no entanto o regente Diego Salles, exigia que durante os ensaios eles estivessem com a letra e partitura em mãos. (SALLES 2017)

Ao conhecer o trabalho de Diego, foi inevitável comparar, e perceber quais as estratégias usadas por ele que caberiam no processo de desenvolvimento do Coral Shalom, afinal, são trabalhos semelhantes, porém a maior diferença e o que menos se aplica são os arranjos de música popular e uso das partituras. O repertório utilizado na Igreja

Apostólica Shalom, logo o repertório cantado pelo coro, não tem partitura disponível, mas tem muitas gravações, então não vi necessidade de escrever arranjos para as peças que fazemos, até porque, eles não leem partitura.

O uso de kits vocais, é a principal forma de aprendizado das vozes no Coral Shalom e assim como o Diego, eu sou a principal responsável por gravar esses kits vocais e também, trabalhar os ajustes técnicos, atuando como regente e preparadora vocal.

O uso de alguns métodos tradicionais de ensino da técnica vocal e solfejo, como Kodály, Bohumil ou Kraft e até formas mais aprofundadas de ensino da técnica vocal, eu procurei não utilizar com o Coral Shalom, eu usei com eles o que já faço a muitos anos com meus alunos em particular, falar da técnica vocal sem muitos termos técnicos e procurar ensinar muito na prática e na experimentação, assim como a mera repetição é cansativa, palavras complicadas e métodos longos, não me pareceram úteis para o aprendizado desse grupo em específico.

Para resumir o que não funciona e não se aplica a vivência dessa equipe é a teoria, tudo que é muito escrito, muito explicado, eles tem maior dificuldade de assimilar, quando a experiência é mais real e vivida na prática, eles percebem mais e ainda assim, essa experiência prática precisa ser adaptada a forma de entendimento deles, é uma aventura decifra-los para leva-los a decifrar a música.

4 TRABALHANDO COM O CORO

O primeiro ensaio do Coral Shalom aconteceu no dia 30/05/2022, numa segunda feira às 21h30, os ensaios ainda acontecem no mesmo horário. Na semana anterior ao dia 30, tínhamos feito uma reunião com os interessados em participar, explicando o propósito do coral, os objetivos, os pré-requisitos, mas não foram feitos testes ou audições, todos que estavam ali poderiam participar do coral, mas ficaram cientes de que não haveria apresentações por alguns meses e que todos deveriam passar por um treinamento ministerial dali 5 meses, pois foi uma ordenança da Igreja. No início, isso não pareceu um problema e realmente não foi, o meu único receio era de gerar desmotivação com a falta de apresentações.

Iniciamos os ensaios com bastante dinâmicas e brincadeiras para produzir consciência corporal, percepção, afinação, memória, unidade da equipe, vocalmente mas também de relacionamento, fizemos exercícios de vocalizes e trabalhamos a respiração, normalmente usávamos alguma música para tentar aplicar tudo isso, e no início usamos a canção Ao único. Também partimos para alguns treinos de agógica e timbragem, e ainda articulação das vogais e dicção, aproveitando que não havia necessidade de pressa por não ter compromissos de apresentações marcados.

Tudo isso parecia muito bom, com resultados lentos, mas que era possível perceber, no entanto a desmotivação que eu temia, apareceu, os ensaios se tornaram “aulas em grupo”, o ensino a todo vapor, mas a pratica enquanto coral, o fim para tanto estudo, para os cantores era inexistente, além de que, como o grupo era muito misto tecnicamente, o desenvolvimento lento de uns fazia os que tinham mais facilidade, se sentirem desanimados, pela necessidade de sempre retornar as mesmas questões. Nesse período perdemos alguns integrantes e o treinamento ministerial ainda não tinha chegado, que seria quando outros integrantes novos poderiam entrar.

Busquei com a liderança da igreja, a possibilidade de fazermos uma apresentação em alguma reunião fechada, da diretoria da igreja, já que ainda não podíamos nos apresentar em cultos oficiais. Foi quando marcamos uma apresentação para o dia 1/10/2022 na reunião de pastores, que seria pela manhã, mas a noite teria um dos cultos mais importantes da igreja, chamado Culto de Primícias. Esse agendamento foi feito com 1 mês de antecedência, tivemos 4 ensaios sendo que o primeiro foi corrido e não muito

aproveitado, os cantores receberam um choque e viram a necessidade de despertarem para aplicar tudo que tinham aprendido até ali, preparamos a música Além do Rio Azul na versão de Matheus Rizzo. Agora sim, a expectativa subiu muito, por parte de todos.

Na semana da apresentação a liderança da igreja me comunicou que a reunião de pastores havia sido cancelada mas para não deixar o coral frustrado, poderíamos, numa exceção, fazer a apresentação à noite no culto de primícias. A maioria dos cantores do coral nunca tinham ao menos subido num palco, nunca tinham cantado em público, eles estavam se preparando, imaginando um público de no máximo 30 pessoas, agora, tudo mudou e eles teriam que se apresentar para quase 600 pessoas.

Chegamos cedo e fizemos aquecimento vocal e uma última passada na sala de ensaio, ficou muito bonito! Procurei tranquiliza-los e dar instruções práticas, foi a primeira vez de muitos deles, mas como regente, foi a minha primeira vez também, mas eu estava satisfeita com o resultado que ouvi na última passada, minutos antes da apresentação e estar diante daquele público nunca foi motivo de nervosismo para mim.

Como o público seria pequeno, não me preocupei com microfones ou com a acústica e a igreja não tem microfones adequados para um coral de 20 vozes diante de um público de 600 pessoas. Microfones individuais foram deixados com uma pessoa de cada Naípe, fomos acompanhados por *PlayBack* e a maior parte do público conhecia a canção e não se incomodaram em cantar junto.

Por fim, já pode se imaginar o resultado, as 600 vozes cobriram com facilidade as 20 em cima do palco, mas e os microfones? Acabaram ficando nas mãos de alguns não tão experientes e falhas enormes ficaram claras, principalmente na *live* ao vivo, onde não era possível ouvir o todo, dava para ouvir apenas as vozes nos microfones que também não estavam bem regulados, uns estavam mais altos que outros.

O nervosismo tomou conta, eles não conseguiam manter a afinação, as divisões de vozes que preparamos, praticamente não puderam ser ouvidas, muito menos as dinâmicas e todo o trabalho desenvolvido, restou a estética e a emoção do momento e para nós, a experiência.

Tivemos uma reunião pós apresentação para discutir o que foi bom e o que foi ruim, e tudo que aconteceu no geral e por fim uma simples confraternização, pois o clima era realmente de muita festa, mesmo que a performance musical em si, não tenha sido

satisfatória, aquela apresentação marcava de fato a consolidação de um coral que nunca tinha existido em nossa igreja e o início da realização do nosso sonho e do nosso falecido Apóstolo.

Tivemos mais uns dois encontros após a apresentação, onde aproveitamos para conversar sobre o repertório da próxima apresentação e quais deveriam ser os próximos passos para o nosso crescimento, foi possível já começar a conhecer o texto da nova peça mas foi só, porque o treinamento ministerial chegou e precisamos parar os ensaios por um período de quase 4 meses. Tínhamos aberto inscrições, mais uma vez sem audição e alguns novos integrantes vieram, mas durante os 4 meses de treinamento, alguns também foram embora.

Até esse momento o coro era um, depois não conseguimos manter a mesma intensidade e interesse, parecia outro grupo, e a música que estávamos preparando era mais complexa que a primeira. A música escolhida para a próxima apresentação que seria no dia das mães foi “*Mary did you know?*”, ouvimos algumas versões em inglês e em português, fizemos a tradução como nos pareceu melhor mas a versão que se tornou maior referência para nós foi a de “*Maverick City Music*”, mas é evidente que fizemos várias adaptações para tornar possível a execução com o Coral Shalom, diante da formação com poucos homens e das dificuldades técnicas do grupo. Não muito tempo depois que retornamos aos ensaios, eu descobri que estava grávida, para mim foi motivo de grande alegria pessoal, mas confesso que os sintomas de início de gestação interferiram no meu desempenho diante do coro nos ensaios, isso rapidamente refletiu neles, e mais uma vez um desânimo começou a surgir.

Diferente da primeira experiência, para essa segunda apresentação teríamos 10 ensaios, o que parecia ser o suficiente, preparei um “kit vocal” com os áudios da voz de cada naípe, mesmo assim passamos muito tempo ensaiando vozes e não conseguimos avançar para questões mais técnicas e performance, o coro demonstrava dificuldade de memorizar o que tinha sido estudado, seja o que foi estudado em casa ou até o que foi estudado nos ensaios, esqueciam até mesmo o que havia sido estudado no próprio ensaio do dia. Por fim, os ensaios se tornaram repetitivos e também diferente da primeira fase do coral, antes da pausa, os ensaios pouco se pareciam com aulas e pouco usei de dinâmicas e ações pedagógicas, o resultado foi que já nos últimos ensaios, parte dos cantores ainda não tinham plena segurança das divisões de vozes, sendo assim, preferi deixar apenas algumas pessoas fazendo as divisões e a maior parte fazendo uníssono, foi uma boa solução, e foi

possível perceber melhora da afinação na apresentação e pareceram controlar melhor a ansiedade também, dessa vez o público não conhecia a letra da música, então, não cantaram, o que foi ótimo para possibilitar ouvir as vozes mesmo sendo poucas pessoas.

Evolução por um lado, regresso por outro.

Já estava claro que um ano de trabalho como eu havia projetado, não seria suficiente para tornar a equipe consolidada enquanto coro, estávamos aprendendo juntos, eu aprendendo a ser regente e eles, aprendendo a ser um coro.

5 MAIORES DESAFIOS E COMO RESOLVEMOS

O grupo em si era muito difícil, e esse foi o primeiro grande desafio, que eu já esperava, estava ciente e até ansiosa para viver essa experiência, por serem leigos musicais e não terem aulas ou qualquer outra vivência musical além do coral, as dificuldades técnicas eram perceptíveis desde os primeiros ensaios, mas o que me causou maior preocupação no início foi a quantidade de faltas e conseqüentemente a constante interferência na seqüência das aulas/ensaios, porque o novo exercício de uma semana, não era aprendido por parte dos integrantes e tinha que ser ensinado novamente, a explicação transmitida numa semana não era absorvida por uma parte dos integrantes e tinha que ser dita novamente e isso acontecendo com tanta frequência, foi desgastando. Mesmo que era sempre lembrado a importância de não faltar, até a segunda apresentação, nunca tivemos um ensaio com todos os cantores.

Apesar de isso ser comum na maioria das equipes em várias áreas, inclusive na música, é realmente bastante prejudicial, então foi imposto um sistema de chamada e depois esse sistema foi aprimorado com limites de faltas para estar apto para a próxima apresentação, isso é, a cada apresentação será decidido quantas faltas serão permitidas até a data marcada, assim, parte do problema foi resolvido, a outra parte é a das faltas justificadas por doença, falecimento de um familiar ou outros motivos pessoais de cada um que podem ser considerados como justificativa, sendo assim, de certa forma, continuamos sempre ensaiando com falta de alguém.

E assim, entro no segundo grande desafio que tínhamos no começo.

Os ensaios começaram no fim do outono, próximo à entrada do inverno, as mudanças de tempo afetaram muito a saúde da maioria dos cantores, inclusive a minha, isso causou muitas ausências nos ensaios ou quando a pessoa ia para o ensaio, já estava rouca ou sem condições de cantar e praticamente não participava das atividades, apenas assistia, o que eu considero válido, mas me trouxe preocupação com a saúde, não apenas física no geral, mas com a saúde vocal deles. Então, separei uma semana, para falarmos apenas sobre saúde vocal, os cuidados necessários com a voz e o quanto a saúde física vai sempre afetar na performance musical.

Toda performance musical, está intimamente atrelada a capacidade de afinação dos músicos, no seguimento que atuamos na Igreja Apostólica Shalom, é impensável uma

apresentação musical onde não exista uma segura afinação. Os integrantes do coral Shalom, por sua grande inexperiência, tem graves problemas com afinação e cada um por seus motivos individuais e coube a mim identificar cada um deles. O principal motivo sempre é percepção, outro, é respiração mal administrada, também a falta de técnica para alcançar notas, tanto para o grave quanto para o agudo, articulação imprecisa, causando indefinição das notas, por vezes, falta de atenção e/ou nervosismo, esses são os principais motivos identificados no grupo.

Diante disso, alguns exercícios de percepção foram aplicados, assim como toda a parte técnica foi sendo lembrada constantemente, muitas vezes fazendo os ensaios serem mais parecidos com aulas, utilizando de ações pedagógicas, atividades dinâmicas e até brincadeiras, o que nem sempre foi um problema, pelo contrário, eles precisavam e gostavam e eu tinha o maior prazer em ensinar, inclusive, gratuitamente. A estratégia que pareceu mais eficaz foi, não apenas misturar dentro do mesmo período de ensaio, uma parte aula, outra parte ensaio, mas intercalar entre as semanas, opção sugerida por eles mesmos e ser incansável em repetir inúmeras vezes a mesma informação, porém utilizando de estratégias diferentes.

Se for para enumerar os maiores desafios que tivemos nesse processo, com certeza, algo que muito me doeu foi a alta evasão nos últimos meses, muitos integrantes precisaram deixar o coral por motivos pessoais, os ensaios que tinham em média, 16 pessoas, sendo um grupo de 25 no total, passou a ter 6 ou 7 pessoas, sendo o grupo de menos de 15 pessoas no total, dentre esses ainda, alguns precisaram se ausentar por um tempo, por motivos de saúde ou algum compromisso que os impossibilitaria de estar no ensaios por um período determinado, o que contribuiu para tornar inviável a apresentação mais importante, que deveria ser no congresso anual da igreja, junto com o fato da minha ausência devido a fase avançada que a gestação estará na data do evento. A forma de tentar resolver essa situação, foi elevando a motivação deles com alguns últimos ensaios produtivos e dinâmicos, tivemos conversas sobre a questão, mas por fim, interrompemos novamente as atividades, para retornar somente após o fim do meu puerpério.

Além de lidar com as limitações de cada cantor, com os problemas pessoais de cada integrante, impactando os resultados e o progresso, além das imposições institucionais que são condutoras de como as coisas devem proceder no dia a dia, no planejamento e na agenda do Coral, lidar comigo mesma e com minhas limitações enquanto regente e

enquanto pessoa, foi um grande desafio, sem dúvidas, foi também, e está sendo, um grande aprendizado.

Percebo que nesse período de um ano e meio, aproximadamente, que durou essa primeira fase do Coral Shalom, eu falhei em me empenhar no planejamento dos ensaios, o que estava funcionando no início, mas por indisciplina minha, esse planejamento deixou de acontecer com o passar do tempo. Abner Santana em sua dissertação “Ensaio coral amador como contexto de aprendizagem segundo regentes” aborda insistentemente a importância do planejamento dos ensaios e antecipação de possíveis problemas, ainda que o planejamento possivelmente muitas vezes não será executado na íntegra, mas esse planejamento é que dará um norte ao desenvolvimento do ensaio, parte por parte e dessa forma, também trará estrutura e encaminhamento para o trabalho como um todo.

Também me culpo por não ter estudado e preparado as canções com mais detalhes e cuidado, preparei, ouvi, estudei, mas poderia ter sido mais profundo, afinal, me deparei com a necessidade de ensinar ao grupo, detalhes a respeito da peça onde eu mesma não sentia segurança e conseqüentemente não usei muito minha própria voz como exemplo para eles aprenderem as partes, apenas nos “kits vocais”, mas nos ensaios, dificilmente, verdade é que também atribuo, em partes, esses problemas, as dificuldades físicas e emocionais, causadas pela gestação, em determinado período.

Apesar da frustração em constatar essas falhas a essa altura, sei que ainda há tempo para trabalhar com esse grupo e com outros, com melhores resultados e é satisfatório escrever sobre tudo o que aconteceu para não esquecer do que passou sim, mas perceber o que ainda pode ser feito, afinal, um ano e meio é pouco.

Alcançar uma saudável técnica de conjunto no coro é um processo de longo prazo. Sem planejar e antecipar as ações que ocorrerão no tempo destinado ao ensaio, dificulta-se o processo de construção e manutenção do som coletivo. Deve o regente estar disposto e preparado musicalmente para criar inúmeros processos para este mesmo fim. (FIORINI e CASTIGLIONI 2016 pg. 2)

6 SAMUEL KERR, UMA ENCANTADORA INSPIRAÇÃO

Eu não tive o prazer de fazer parte de um coro regido por ele, nem de ter sido sua aluna, apenas em aleatórias oportunidades, uma no I Congresso de Canto Coral na UNESP em 2018 onde ele conduziu um enorme coro com os participantes do evento e eu estava entre as contraltos, também numa breve aula aberta da pós graduação, que eu não perdi a oportunidade de estar presente, mas para além dessas breves oportunidades, que marcaram minha trajetória de aprendizado sobre o canto coral, nas aulas da graduação, nos corredores, nos textos lidos, nas canções, suas ideias sempre estavam permeando tudo que estava relacionado a coro, arranjos corais, regência e o papel do regente como educador. O que me impressiona é a facilidade com a qual ele fazia um grupo sem experiência musical, cantar belíssimas canções e de forma tão carismática, é como se o coro tivesse vontade de cantar mais e melhor, só para ver o Maestro sorrir.

Quando eu conheci um pouco sobre o Maestro Samuel Kerr, eu já tinha interesse em trabalhar com coro amador na igreja que eu frequento e já tinha meus questionamentos sobre como fazer esse trabalho dar certo, que é o assunto de toda essa dissertação e ver o sorriso no rosto do Maestro que já fazia isso acontecer a tantos anos, um coro amador, leigo, cantar e cantar bem, foi realmente motivador, por isso eu não quis deixar de falar ainda que brevemente desse personagem importantíssimo na história da música coral, especialmente em São Paulo e na UNESP.

O Maestro Samuel Kerr, nasceu em 1935, foi organista e também arranjador, foi regente do coro da Igreja Presbiteriana Unida em São Paulo, onde começou sua trajetória como músico, incentivado pelos pais que faziam parte do coro da igreja a época, começou estudar música aos 13 anos de idade, se formou Bacharel em composição e regência pela Faculdade de Música e Educação Artística do Instituto Musical de São Paulo e bem mais tarde, fez o mestrado pela UNESP onde também foi professor. (Raphael Amador. Portal da UNESP 2023). Foi professor e diretor na Escola Municipal de Música em São Paulo e foi regente em muitos coros importantes dentre eles o Coral Cantum Nobile, Coral da Santa Casa, Coral da Unesp, Coral Paulistano, e anteriormente, no Cantoria Ars Sacra e muitos coros de igreja. Trabalhou na Coordenação do Canto Coral durante os Festivais Internacionais de Música e Cursos de Férias de Curitiba, no Projeto Villa Lobos, da Funarte, e no Projeto Mário de Andrade, da Prefeitura de São Paulo, entre tantos outros. (Marisa Fonterrada 2021)

Marisa Fonterrada usa uma citação de Rubem Alves para definir poeticamente o que seria o trabalho de Samuel com os coros e com os alunos, ela diz que não era como gaiola, era como asas, isso é, não eram prisões, treinamentos rígidos, inflexíveis, ele não tentava colocar todos em um molde igual, ele não ensinava Regência, porque para ele, Regência não se ensina. O trabalho de Samuel Kerr era como asas, ele via a particularidade de cada aluno, de cada coro, ele se interessava pela realidade cultural do coro e fazia arranjos corais pensando em adentrar essa cultura, para que o coro se sentisse mais identificado com o repertório, ele considerava as diferenças, inclusive, físicas, de cada aluno de regência, braços maiores ou menores, maior ou menor estatura, para ele não estão todos dentro do mesmo saco, nem fazem parte de uma estatística, as pessoas podem ser pássaros e ele procurava oferecer as asas e o espaço para esse voo livre.

Algo que percebo como marcante na carreira de Samuel Kerr, foram seus arranjos, no texto de Marisa Fonterrada, ela conta alguns exemplos desses arranjos, histórias inspiradoras, conta que uma ex-aluna do Instituto de Artes da UNESP, fez uma dedicatória assim “Espero que você sinta cada vez mais a necessidade da música, continue compondo até que o mundo e o futuro sejam cantados em partituras de utopia” (Kitty Pereira apud Marisa Fonterrada 2021 pg.12).

Samuel gostou tanto da dedicatória, que a incorporou, ao nomear seu modo de fazer música. Ele mesmo explica: “Eu achei que a Kitty, que escreveu esta dedicatória, estava entendendo o que acontecia comigo; daí, peguei a dica... foi em maio de 1987. Utopia podia não dar em nada e poderia ser o maior acerto...” (Marisa Fonterrada 2021 pg.12)

Está se referindo aos arranjos que ele fazia, atento ao coro, ao seu entorno, pesquisando, inventando, fazia partituras que encaixassem com aquele coro, aquele momento, aquela realidade, e aderindo a fala de Kitty, chamava esses arranjos de “partituras de utopia”.

O exemplo que me deixa, é essa fluidez, essa liberdade, fazer música é para ser arte e prazer, mas as cobranças pela excelência, fazem tudo perder essa beleza. O exemplo que me deixa é, ser tão competente, até que a técnica, a percepção apurada, o vasto conhecimento se torne apenas um pretexto para a realização do que realmente importa, fazer música.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo anotar e observar o processo de desenvolvimento e aprendizado de um coro amador, em todos os seus termos, seja estrutural, musical e social, desde a sua formação, enquanto eu mesma presenciava cada passo do processo, considerando as grandes dificuldades encontradas no percurso, por se tratar de um grupo leigo musicalmente e que tem como única referência para o aprendizado musical, os momentos com o coro e a pessoa da regente que sou eu. Também buscava responder a pergunta “Pode um grupo de pessoas leigas musicalmente, fazer boa música coletiva enquanto coro, mesmo sem fazer aulas paralelamente?”, para sanar essa dúvida, pesquisas foram feitas, comparações com o trabalho de outros regentes em outros corais amadores.

Durante o tempo de um ano e meio que durou a pesquisa, o Coral Shalom conseguiu fazer apenas 3 apresentações, nesse tempo houve um intervalo de 4 meses, e após a terceira apresentação aumentou muito a evasão dos integrantes, impossibilitando o que seria a quarta e mais importante apresentação. O grupo apresentou duras limitações na musicalidade, limitações já esperadas, no entanto, difíceis de lidar, algumas ações pedagógicas foram adotadas, essas ações trouxeram resultados, mas até então, não suficientes para elevar muito a qualidade musical produzida pelo grupo, até por uma grande irregularidade na frequência dos cantores nos ensaios, causando instabilidade também no processo de desenvolvimento do trabalho.

Diante de tudo que vi, li e fiz, a primeira conclusão que tenho, que serve inclusive como resposta a minha pergunta inicial, é que o ajuntamento de pessoas interessadas em cantar ainda não é um coro, frase que esclareceu para mim os motivos de não sentir tão rapidamente a evolução no coro com o qual eu trabalho e portanto me trouxe uma nova motivação para continuar. O trabalho com um coro amador e leigo, não é de curto ou médio prazo, e sim, de longo prazo e constantes esforços, principalmente por parte do regente. Tiro como aprendizado também, a importância das práticas pedagógicas no ambiente de ensaio e da preparação e planejamento dos ensaios, conforme a necessidade de cada coro e de cada momento, agora não mais só de ouvir falar, mas de sentir na pele como a figura do regente diante desse tipo de coro é fundamental para o aprendizado musical dos cantores participantes, afinal, normalmente ele é a única referência musical para essas pessoas, esse fato envolve muita responsabilidade e só me cabe assumi-la e fazer com ela o melhor que eu poder, o que me impulsiona a procurar crescer enquanto

profissional e me preparar cada vez mais para ser capaz de assumir as múltiplas funções atribuídas ao regente de coro amador e fazer dessa experiência, não um fardo, ou gaiolas e prisões, mas fazer de cada ensaio um momento de ensino e aprendizado, um espaço para voos livres, experimentações e sorrisos, o resultado será a consequência do fazer por prazer e não por obrigação.

REFERENCIAS

AMADOR, Raphael. Adeus a Samuel Kerr, maestro, organista e regente de corais.

Portal UNESP. 2023. Disponível em:

<https://www2.unesp.br/portal#!/proex/noticias/v/id:40432/adeus-a-samuel-kerr-maestro-organista-e-regente-de-corais> Acesso em: 03/10/2023

FIORINI, Carlos; CASTIGLIONI, Paula. Estratégias de ensaio para a construção do som coletivo em coros amadores. **XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música**. Belo Horizonte. 2016

GUIMARÃES, Ana Paula. **Construção da sonoridade do coro amador**: estratégias utilizadas por regentes. 2018. 57 páginas. Dissertação. PUC – São Paulo. 2018

MOURA, Paulo C. e WAGHABI, Mônica T., organizadores. *Samuel Kerr: arranjos corais*. São Paulo: LM Editora, 2021, 210 p.

SALLES, Diego L. **Arranjos de música popular brasileira urbana para coro misto amador**: um estudo de caso. 2017. 363 páginas. Trabalho de conclusão de curso. UNESP – São Paulo. 2017

SANTANA, Abner de S. **Ensaio coral amador como contexto de aprendizagem segundo regentes**. 2021. 115 páginas. Dissertação. Instituto de artes da UNESP, São Paulo, 2021